



**UNEB ANANSI**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA REVISTA DE FILOSOFIA, SALVADOR, ISSN: 2675-8385

<Produções do Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema / Resenha>

## **Miscigenação e Beleza em Hamilton Borges: resenha de *Bantu Machine* - o homem que queria ser branco**

### **Flávio Rocha de Deus**

Mestrando em Filosofia e Teoria Social pela Universidade Federal da Bahia.

Na introdução de *Ensinando a transgredir*, bell hooks, enquanto nos comunica seus anseios aos grandes sonhos de sua vida – a escrita e o ensino – faz uma breve análise acerca do que ela nomeia como “aprendizado como revolução” (hooks, 2017, p. 10).

hooks, que enxergava o *escrever* como “glória pessoal” e o *lecionar* como “uma forma de retribuir a comunidade”, observa uma dimensão extra nestes atos quando se trata de pessoas pretas. Nas palavras da própria autora: “Para negros, o lecionar – o educar – [é] fundamentalmente político [...] Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, [é] um ato contra hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista.”

“[...] É a segunda vez que atravesso essa cancela e vejo só essa cor de pele preta e preta. Que arco-íris é esse que nua todas tem essa cor?”

[Ruth Ducaso, *Florim*, 2020]

(ibidem). Estas intuições postas por hooks nos ajudam a ilustrar dois bons pontos para iniciarmos uma resenha da obra de *Borges* (2023): É uma obra preta e, conseqüentemente, é uma obra política.

O livro é composto essencialmente por três partes: 1. textos introdutórios que demarcam e já orientam a percepção do leitor para o que está por vir; 2. a história do Dr. Arantes, narrada “em primeira pessoa pelo homem que queria ser branco” e 3. os Prólogos do Quilombo futuro, tempo-espaço onde “o português se tornou um dialeto de escravos só pronunciado na cidade cercada” (BORGES, 2023, p. 33, 90).

A história principal é uma transcrição da palestra do Dr. Rodrigo Arantes, de um fictício evento chamado *I Encontro Quilombista*. No decorrer se sua

---

<sup>1</sup> Esta resenha é fruto do evento de proposta extensionistas “Encontro Baiano de Filosofia, Imagem e Cinema” (UNEB/SECULT-BA). A obra foi escolhida por curadores selecionados. Nesta mesma edição também pode-se encontrar a transcrição da mesa “A estética da escrita e a imagem de seu tempo” composta por Luciany Aparecida e Hamilton Borges. A atividade ocorreu em 14 de setembro de 2023.

comunicação, o fictício pesquisador de genética da UFBA, narra fragmentos de sua vida: desde sua infância com sua mãe, até seus relacionamentos afetivos e sua busca pela resposta da coesão social: o fim do negro. Esta história remonta muitas camadas sensíveis do debate negro contemporâneo: o permissivismo de uma esquerda mais moderada, a estetização e mercantilização da negritude, a vacuidade comum da maioria das *práxis* ativistas, e muitos outros tópicos possíveis.

Em minha leitura recolhi minha atenção a três temas cujos ecos perpetuaram toda a minha conversa com o livro, em todas as suas partes, a saber: a miscigenação, a beleza e a militância.

O livro de Borges (2023) é irredutível em seu discurso: miscigenação é a diluição do preto até seu desaparecimento. Para o autor, *miscigenar é embranquecer*: “[...] a miscigenação foi pensada, calculada, imposta na mente dos africanos como uma estratégia do progresso, de se afastar de sua origem africana e buscar ‘limpar a raça’ criando o elemento mestiço.” (BORGES, 2023, p. 32).

De acordo com o resumo fornecido pelo próprio Quilombo Xis, a miscigenação é uma variação étnica do complexo de Estocolmo. Pela própria natureza do raciocínio colonial, e por meio uma sistêmica violentação de sua autoestima racial, as pessoas pretas patologicamente buscam clarear-se por meio de suas escolhas afetivas. Como podemos ver em *Bantu Machine*:

A miscigenação, aqui, será discutida como marca das consequências de eliminação de um povo e sua escravização por vias da violência e de uma integração racial encobertas por promessas vagas de progresso. Uma integração racial defendida por grupos oprimidos corrompidos pelo poder e por um auto ódio epidêmico. A mistura promoveu ao longo de gerações a eliminação em massa do sujeito preto do cenário nacional, resultando em enfraquecimento da própria ideia de luta por liberdade. Nossa hipótese é que a ideia de eugenia se entranhou na sociedade brasileira desde o próprio pensamento de pessoas negras que se odiavam tanto ao ponto de não conseguirem ao menos amar quem se parecia com seus ancestrais, deixando, por fim, seu legado (história, luta, religiosidade, cultura e dinheiro) para um grupo que cada vez mais se parecia com o europeu, que sempre semeou ódio contra a existência de pessoas pretas. (ibidem, p. 37).

Hamilton, neste tema, se encontra em um espectro próximo ao de intelectuais como Kabengele Munanga e Abdias Nascimento, que enxergam a miscigenação como marca de um vislumbre eugênico e uma busca residual por embranquecimento. Munanga (1999, p. 110) compreende que “a mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras consequências a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio”.

Já Abdias Nascimento, em *O genocídio do negro brasileiro*, entende que, no racismo brasileiro – que não é tão óbvio como o dos Estados Unidos, nem tão institucionalizado como o da África do Sul – a miscigenação, prática íntima do “imperialismo da brancura”, seria uma “monstruosa máquina ironicamente designada ‘democracia racial’ que só concede aos negros um único ‘privilegio’: aquele de se tornarem brancos,

por dentro e por fora. (NASCIMENTO, 2017, p. 111)

O Dr. Arantes, de Hamilton, personifica a neurose racial denunciada por Fanon em *Pele negras, máscaras brancas*. Destaca-se não apenas a busca de reconhecimento do protagonista em vigilante repúdio de suas raízes culturais, como também o depósito de seus afetos românticos, todos próximos d'*A redenção de Cam*.

Na obra os afetos amorosos do geneticista estruturam um fio condutor, degraus, do movimento narrativo. Creio que tal característica do texto não é um mero recurso de escrita para encadear os fatos e os pensamentos de forma lógica para o leitor. Vejo que há no autor um hábito constante de por em suspeita os locais de nossos afetos – para onde nossos olhos fogem quando querem contemplar? Qual a cor?

Muitos reafirmam o progresso do povo negro pelo aumento de nosso acesso a certos espaços simbólicos de poder, mas poucos se atentam a todo o desbotamento que a beleza preta passa para alcançá-los. Nos põe em suspeita ao indagar: nossos discursos afrocentrados tem valor se a nossa *práxis* mais íntima, mais livre, mais pública, possui o hábito de se orientar a tons mais brancos?

Vejam os blogueiros antirracistas, as escritoras e escritores, alguns rappers, eu nem falo de jogadores de futebol que isso é óbvio banal, estou falando de ativistas que lutam, que acreditam nessa divisão por raça, que buscam políticas baseadas em raça, e até alguns

radicais, sua escolha afetiva sempre é um branco ou uma branca (BORGES, 2023, p. 47).

A máquina colonial de apropriação e extermínio estabeleceu em nossa cultura uma inclinação bem acidentada à referenciais eurocentrados, seja na beleza física, nas artes visuais ou nos imaginários coletivos. Debater o *belo* [o que é belo] é um ponto de discursão delicado. Enquanto o discurso moral pode ser disfarçado na vacuidade de sua práxis, o valor estético é puramente empírico, e portanto, indiscutível. O *gosto* romântico é uma materialização social pública de seu ideal estético. E isto não é pouca coisa! João Vargas, nas notas do livro, nos diz que:

Não nos iludamos. O superego coletivo naturaliza as teses e a prática genocida da democracia racial, às quais as pessoas negras não estão de maneira alguma imunes. Como a ficção concreta de Hamilton nos lembra, o genocídio da população negra se manifesta corriqueira e mais eficazmente na convicção de generalizada de que o “amor não tem cor” e, mais problematicamente ainda, na preferência afetiva e estrutural, entre pessoas negras, por pessoas mais claras”. (BORGES, 2023, p. 26).

A beleza é um tema constante nas obras de Hamilton, percebe-se que ele não apenas faz questão de afirmar sua *pretitude* como *bela*, mas também de evidenciar *publicamente* que o ele acha *belo* está presente em corpos *pretos*. “O desejo nunca é enganado. O interesse pode ser enganado, desconhecido ou traído, mas não o desejo.” (DELEUZE & GUATARRI, 2010, p. 341). Sabe-se que o desejo evidencia, denúncia. N’*O livro preto de Ariel* já na primeira página na história o autor não se priva de

demonstrar onde reside a sua beleza. “Linda em sua pele preta como aquelas noites do sertão da Bahia quando chove.” (SANTOS, 2018, p. 23). E em seu livro mais recente *Libido, dendê e melanina* (2020) o escritor basicamente faz do texto erótico um batalhador incansável cuja meta principal é fazer uma ode a beleza do corpo negro, em especial: da mulher negra. “Hamilton imagina o quilombo transcendental. Nele o amor tem cor, e a cor é preta.” (BORGES, 2023, p. 26).

Hamilton nos denuncia nas dimensões mais íntimas, que não podem ser disfarçadas, e, portanto, evidenciam uma das estacas mais profundas da colonialidade: *a beleza é branca*. Não a beleza ontológica, mas a social, a institucional.

Em retorno a narrativa: após um balanço geral, percebe-se que o ponto alto do livro (o protagonista) é também seu ponto mais conflituosos. O Dr. Arantes está a todo tempo percorrendo uma linha tênue entre a estupidez étnica e a sagacidade sociológica. O personagem é inteligente o suficiente para ter diversas premissas coerentes e sofisticadas sobre recortes da macroestrutura social, mas é incapaz de formular uma conclusão sensata, ainda que elementar. Por exemplo o personagem é observador e crítico o suficiente para racializar um aspecto tão oculto em nosso cotidiano: os filtros do Instagram, mas encarna uma caricatura para deduzir que em todo esse contexto de informações que ele possui “o clareamento é a essência do ser perdido” e a solução é ir a seu

“encontro” (ibidem, p. 70). Este tipo de fragilidade literária é comum em escritas de *catarse*.

Chamo de *catarse* este desejo solidário de comunicação de ideias pelo texto. São desabafos, repreensões, discursos: a chance de materializar de forma organizada suas considerações sobre um tema sensível para si. Também é comum chamar esta ferramenta narrativa de *turning points*, que é o uso do poder de uma história para atingir outros objetivos que não se integram na própria leitura.

É aqui que retorno a primeira consideração feita acerca da obra: é uma obra preta, é uma obra política. Aqui o escritor demonstra seu esmero com as camadas do discurso ideológico e dos avisos que deseja proferir, algo que talvez o leve a ser menos dedicado nas estradas e movimentos da trama. Afinal, devemos admitir: a obra se basta!

Em rasas conclusões, admite-se que a experiência de leitura de *Bantu Machine* se demonstrou sensível, desconfortável e franca. Possui uma agenda política clara e é uma boa literatura.

O humor é um detalhe a parte. É sutil e crítico, e talvez não seja acessível a todos. Ainda assim, há muito gosto na ironia descritiva e no deboche de Hamilton a toda essa “gente moderada, feliz, carnavalesca” (ibidem, p. 63).

Em sua essência, Borges (2023), através da história de um homem que queria a “[...] tranquilidade de viver sem o peso da cor” (p. 61), é uma provocação artística e

política que desafia a complacência e instiga a reflexão sobre as complexidades da experiência negra no Brasil, *quicá*, no mundo.

### Obra Resenhada

BORGES, Hamilton. **Bantu Machine: o homem que queria ser branco**. Salvador: Reaja Editora, 2023.

### Referências

SANTOS, Hamilton Borges dos. **O livro preto de Ariel**. Salvador: Editora Reaja, 2021.

DELEUZE, Gilles; **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010. (Coleção TRANS).

DUCASO, Ruth. **Florim**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2017.